

O T ear do
T empo

Rolf Rhenius

Capa por **Alexandre Campos** – lapc@uol.com.br

1ª Edição - 2009

Reservados todos os direitos de tradução, reprodução e adaptação.
Copyright© by Rolf Rhenius – info.empresarial@uol.com.br - Brazil

Direitos de impressão e comercialização desta edição

Clube dos Autores - I-Group Consultoria e Treinamento em Tecnologia da Informação Ltda. pessoa jurídica de direito privado, com sede e foro no Município de Santana do Parnaíba, Alphaville, São Paulo, na av. Dr. Yojiro Takaoka, 4384, Lj. 17, CEP 06500-000

ISBN 258.774

2002

Foto base da ilustração da capa - dreamstime_7378504 – direito de reprodução adquirido em Dreamstime – <http://www.dreamstime.com> – em 20/06/2009

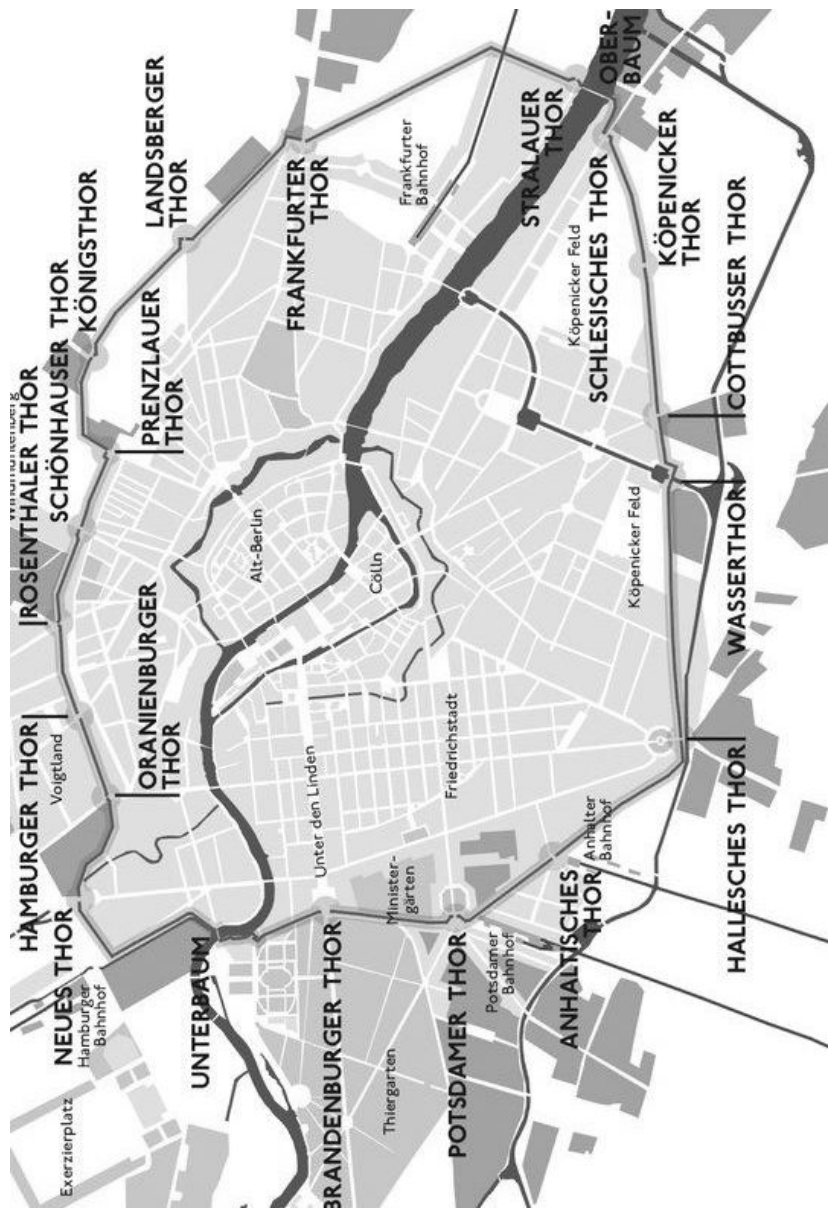
À Maria Lydia e João,
sob cujo teto fiz lembranças e teci emoções.

A Edith, a permanência de minha mãe em doçura e lembrança.

Às mães, mães de nós, mães da terra.

À minha doce Paula, por tudo.

ILDSFI



Nova Friburgo
Dez 1948 - O fio da trama

Tu, obscuridade, da qual emano,
eu te amo mais do que à chama,
a chama que reduz o mundo apenas
ao círculo que seu brilho alcança
e além do qual nenhum ser dele sabe.

Mas a obscuridade contém tudo em si:
vultos e chamas, animais e a mim,
e a todos ela amalgama,
todo o humano e todo poder.

E pode ser, que um grande poder
se mova na minha vizinhança.

Eu creio nas noites

O livro das horas, de Rainer Marie Rilke (1905)

....

Naquele instante, o sentimento de culpa de Charlotte foi tão intenso e súbito como a confirmação da presença do espírito. Tão subitamente, tão desesperadamente, a dor ultrapassando o suportável, fazendo-a sofrer com o ressurgir de algo que desejava profundamente enterrado no passado.

Convencendo-a de que jamais as culpas iriam embora, pois, como percebia cada vez mais, nunca poderíamos nos perdoar. Ainda que as circunstâncias tivessem nos encaminhado, inexoravelmente, para o momento mais intenso de um drama; mesmo que tivesse sido involuntário o gesto ou a palavra com que ferimos o *outro*, mesmo que o *outro* nos tivesse perdoado, nada parecia adiantar, pois *nós* não nos perdoamos.

Tanta distância a separá-la de onde tudo tinha acontecido. Tanto já vivido em tão pouco tempo da sua vida, que, por vezes, imaginava

O tear do tempo

ter a alma de uma anciã. Ou será que não teria morrido inúmeras vezes, tão intenso tinha sido seu sofrimento, para a cada vez, estranha e novamente, seu espírito renascer? Seu sofrimento lembrava o de Sísifo, pois era um eterno recomeçar a partir de uma perda. Mas era mais do que o de Sísifo, já que cada perda estava ligada à morte de alguém muito íntimo e essencial e era sua morte também. Sempre seguida pelo renascer do espírito, do sentimento, como sucedendo outra vida, outro tempo, mas sem que lhe fosse concedida a graça do esquecimento.

Não haveria fim do tormento, não haveria paz? Culpas, poucas, mas tão intensas, por não crer ser possível perdoar-se.

- *Mein Gott*¹ - saiu quase como um gemido a clamar por um deus tão distante, tão inacessível.

Mas, lá estava, sobre a mesa. Lá estava indicada a penúltima letra do nome do fantasma do seu remorso. As letras tinham sido apontadas lentamente, uma a uma parecendo levitar acima da mesa e dardejando através de seus olhos e iluminando, dolorosamente, os desvãos mais profundos das suas memórias que tanto queria esquecer. Primeiro o K lembrando-a de um passado que já lhe parecia longínquo. Em seguida, o L confirmando suas suspeitas, começando a definir os traços da face do fantasma da sua dor. O A e o U se seguiram sem que sequer os visse, pois o nome já lhe soava como o lamento de um sino fendido de uma igreja em ruínas.

Klaus... Klaus... Klaus...

A dor lhe comprimia a cabeça, esmagava-lhe o coração. Queria ar. A garganta se fechava. Começou a levantar-se da poltrona, dolorosamente. Suas mãos não chegavam a sentir o veludo que recobria os braços da poltrona e nos quais se apoiava com enorme esforço. Olhou em volta e os via, os outros, deformados pelas lágrimas. Seus companheiros de mesa. Seus quatro companheiros de busca. Todos a encarando, alguns assustados na sua incompreensão do que estava sucedendo. Mas, mais que assustados, ansiosos em

¹ *Meu Deus*

entender para que a pudessem ajudar, aliviando-a da dor que lhe percorria a face.

Um toque sobre a sua mão esquerda. Aquela mão, sempre fresca, sempre carinhosa, forte e curtida pelo sol, agora lhe passava *mitleid* - compaixão - e conforto.

-*Nein!* - tinha que continuar, não tinha como fugir e só sobreviveria ou, até, renasceria se não se escondesse, se continuasse expiando suas culpas, se voltasse a enfrentar seus fantasmas. Deixou-se cair na poltrona. Aliviou a pressão das mãos sobre os braços dela. Pendeu a cabeça para baixo e os ombros a acompanharam nesta resignação, neste dobrar-se sob o enorme peso do qual, suspeitava, não iria livrar-se jamais.

-*Liebchen*², quer parar? - a mão se fazia voz, tão terna, tão protetora.

Levantou o rosto, com o dorso da mão secou as lágrimas que, teimosamente, continuavam a descer-lhe o rosto, forçou-se a um sorriso que mais parecia um esgar e, olhando para aquele rosto à sua esquerda, terno, velho e sábio, encontrou forças para dizer

- *Nein*, eu tenho que ir até o fim. Eu tenho que saber. *Gott sei mit mir*³.

...

Charlotte chegou à Nova Friburgo pelas cansativas curvas da estrada de serra. Esta se seguia à perigosa e estreita estrada que, correndo pela planície, seguia para leste e depois se bifurcava na direção do norte do Estado do Rio, enquanto seu outro braço seguia em direção a Cabo Frio. Mas só chegar a Niterói, primeira etapa, já parecia uma viagem. Tinha que se cruzar a baía da Guanabara usando a barca que, naquela época, transportava pessoas e veículos entre o cais próximo ao antigo Paço Imperial no Rio de Janeiro e Niterói.

² *pequena amada*

³ *Deus esteja comigo*

O tear do tempo

Apoiada no corrimão do convés superior, Charlotte voltava a perceber o amor que sentia por esta sua segunda pátria. Deslumbrava-se com o cenário enquanto via o edifício *A Noite*, na praça Mauá, imenso, se impondo como um desafio humano à natureza que, com seus maciços de pedra, penetrava por dentro da cidade do Rio de Janeiro, tendo o Corcovado como imensa proa da nave coberta pela mata atlântica da Floresta da Tijuca. Enquanto os demais prédios do centro do Rio iam diminuindo mais rapidamente, a espuma ao longo da proa da barca lembrava seu maior renascer, dez anos atrás, também em dezembro.

A sua vinda ao Brasil tinha sido, como agora, quase uma fuga não fosse também uma busca, que a tinha levado do frio para o calor, da inevitabilidade do fim para a promessa de um recomeço, da morte para a vida. A visão da cidade já tinha sido esplêndida quando o navio, com o qual vinha da Europa, se aproximara da entrada da baía da Guanabara. Mas, como a convencendo, finalmente, do tão ansiado abrigo e de um possível renascer, tinha sentido um enorme sentimento de proteção quando, enquanto o navio fazia uma curva para aportar já dentro da baía, lhe tinham sido desvendadas todas as paisagens. As lindas montanhas da cidade, as ilhas dentro da baía e os picos da Serra dos Órgãos, mais além ao fundo, a tinham encantado e acalentado o coração.

Agora, dez anos depois, os sinais de vida continuavam a se confirmar. Já eram mais fortes, mais constantes que os sofrimentos dos quais parecia não conseguir se livrar.

Ian, o filho de quatro anos, segurando-lhe a mão e apoiado no balaústre, olhava tudo com olhos arregalados, sentindo um misto de medo e assombro. Medo por pressentir que algo drástico estava acontecendo, algo que vinha do *sentir* que as coisas não iam bem entre seus pais. Os gritos do pai e o choro da mãe ainda soavam, incompreensíveis, em sua mente. Assombro com aquele mundo de água, navios, barcos, gaivotas, uma cidade imensa que ia se transformando e ficando igual à cidade de bloquinhos de madeira que seus pais lhe tinham dado no seu último aniversário. E, do outro lado da baía, uma cidade de brinquedo ia se transformando, aos poucos,

numa cidade de verdade. Onde era que as coisas passavam de seu mundo de faz-de-conta, controlável e seguro, para o mundo dos *grandes*, que já sabia ser sempre inesperado e por vezes perigoso?

Saltaram da barca e se dirigiram para a estação de ônibus. Ainda deu tempo para entrarem numa lanchonete e Charlotte comprar uma barra de chocolate para Ian e pedir para encherem com água fresca uma garrafa de vidro que tinha trazido de casa. Depois de quase já terem percorrido todo o trecho ao longo das plantações de bananeiras e cana-de-açúcar, Charlotte tirou Ian do colo, colocou-o de pé entre suas pernas, fez com que suas pequenas mãos se segurassem no encosto do assento da frente e, entre uma e outra curva, passou o lenço no rosto e no pescoço. Era uma viagem cansativa, mais ainda no calor do verão, e as curvas do final da estrada, na serra de acesso a Nova Friburgo, lhe deixariam o corpo ainda mais cansado. Levar Ian no colo tinha uma tanto de necessária economia, mas, também, de proteção do único ser que ainda era realmente seu. Tantos já lhe tinham sido tomados.

- *Komm, mein kleiner*⁴ - e voltou a aconchegá-lo no colo. Seus braços o envolviam, protegendo. Mas era ele, afinal, que a protegia.

Parir Ian tinha sido seu único renascer feliz em contraposição a quase todos os outros renasceres que se tinham seguido a mortes dolorosas do seu espírito e da sua emoção. Mas ao contrário daqueles, não tinha havido uma morte antes... e tinha sido um duplo parto... o renascer do seu espírito e o nascimento de Ian. Mas tinha sido um parto longo e sofrido.

...

Tão longo que, cansada de esperar e irritada com seus gemidos, a enfermeira da Maternidade Alemã do Rio Comprido, quase na encosta do Corcovado, a tinha deixado sozinha na maca, por horas, no dispensário. As paredes altas, fechando-se sobre ela com suas estantes brancas cheias de material hospitalar e remédios, pareciam

⁴ *Venha, meu pequeno.*

O tear do tempo

que iam cair e soterrá-la a qualquer momento. Fechava os olhos com força, crispava a boca... que aquela enfermeira não lhe fosse escutar os gemidos!... tentava se confortar com a lembrança da mãe. Estava quase preferindo que o filho nascesse sem assistência quando a enfermeira entrou no mesmo momento em que voltavam, muito intensas e pouco depois das últimas, as dores da contração.

- *Endlich! Jetzt geht es.*⁵ - e suas mãos rudes começaram a penetrá-la. - Não o magoe, por favor - pensava Charlotte e se esforçava, com o resto de suas forças, a abreviar a passagem de Ian para fora de si.

- *So!*⁶ - exclamou, triunfante, a criatura, enorme e loura. Pendurado nas suas mãos um pequeno embrulho de vida, mais pele avermelhada do que carne, pequeno, frágil.

- Ele está bem? - perguntou Charlotte, temendo a resposta.

A enfermeira mirou-o satisfeita, como se fosse a prova de mais uma vitória sua, só sua, e respondeu, secamente...

- *Jah! Aber Sie sind es nicht wert.*⁷

... e levou-o embora. Somente horas mais tarde é que todas as angústias desapareceram, quando outra enfermeira, rosto severo tentando esconder o olhar terno, entrou trazendo-lhe Ian. O parto e seu renascer tinham terminado.

...

Quando finalmente chegaram, Charlotte pegou Ian do último degrau do ônibus e pousou-o na calçada da rodoviária de Nova Friburgo. O calor da planície tinha sido substituído por uma fresca aragem que vinha dos morros em redor e escoava pelos vales. As folhas das árvores dançavam. Aqui e ali um redemoinho de pó escondendo um pequeno diabinho, um Saci como diziam os brasileiros. Apesar de um leve arrepio, Charlotte ficou feliz por ter

⁵ *Finalmente! Agora vai.*

⁶ *Assim!*

⁷ *Sim, mas a senhora não o merece.*

escolhido o vestido de um vermelho pálido estampado com pequenas e alegres flores, mangas curtas orladas, assim como a gola, com um discreto acabamento em renda branca. Ian, prestando mais atenção que a mãe no descarregar das malas... não fosse a maleta com seus brinquedos desaparecer!... estava mais protegido. Um pequeno chapéu de palha encimava o conjunto de calças curtas de cor cáqui e camisa quadriculada de mangas longas.

Mandou o táxi seguir para o hotel que ela já conhecia de tempos mais felizes. Passando em frente a casas de veranistas, a estradinha de terra ziguezagueava vale acima até que, após a última curva, surgiu uma charmosa combinação de tijolos a vista, paredes brancas e paredes de troncos. Era o pequeno e acolhedor *Blumen*⁸, uma casa que se transformara em hotel à custa dos lentos acréscimos que a família Stern fizera desde que tinham comprado a chácara, pouco tempo depois de terem chegado ao Brasil nos primeiros anos da década de vinte. Sempre cuidando da sua vegetação, não derrubando qualquer árvore, o terreno do hotel parecia ter mais árvores e estar mais florido que há quase um ano e meio atrás, quando Charlotte e Heinz tinham se hospedado a última vez, numa tentativa de voltarem a ser felizes.

Uma imensa araucária escondia parte do telhado e, mais atrás, a chaminé da cozinha traída pela fumaça empurrada pela brisa. Charlotte ficou olhando aquele que seria seu refúgio durante os próximos dias até o Ano Novo. Sentia-se aliviada em finalmente ter chegado, enquanto permanecia parada diante do baixo portão de troncos, a pequena mão de Ian na sua e a mala no chão ao seu lado. Antes que se decidisse viu David, o filho mais novo dos Stern. Ele já vinha apressado, descendo pelo caminho de cascalho ladeado por flores, um sorriso de reconhecimento no rosto.

Mein Gott! David já é quase um homem! - pensou Charlotte e sentiu-se bem, era como se fosse uma desejada e suave volta a um lar. Os Stern e o *Blumen* eram sempre boas lembranças e saudades.

Os Stern não tinham sofrido o horror da guerra e do nazismo, mas

⁸ Flores

O tear do tempo

tinham deixado parentes no Tirol austríaco e na Alemanha, dos quais nunca mais tinham tido notícias. Eram profundamente compassivos e tinham uma sensibilidade especial com os sofrimentos dos outros, especialmente os do espírito. Para Hilda, nome de *Frau Stern*, esta compaixão ia além. Procurava explicações para o incompreensível, como procurava o contato com seus entes desaparecidos no oculto, no paranormal, no além. Já se interessara nestes domínios antes mesmo de sair da Europa.

...

A curiosidade de Hilda tinha sido despertada já na infância quando o pai, médico na cidade de Innsbruck, na região tirolesa da Áustria onde moravam, tinha se interessado em aplicar as técnicas de hipnose que o alemão Dr. Mesmer tinha desenvolvido no início do século dezenove. Desde então o hipnotismo se tornara muito popular em todo mundo. Por volta do ano do nascimento da sua filha, Hilda, em 1904, tomou conhecimento mais profundo da teoria de Sigmund Freud, mas considerava que certas revelações dos seus pacientes, quando hipnotizados, tinham mais relação com manifestações de suas vidas passadas do que com sua vida presente. Há anos atrás tinha sido atraído para o kardecismo e tivera experiências que, no seu entender, lhe confirmavam a presença de espíritos. Embora se escutasse, aqui e ali, a palavra *charlatão* dita à meia voz, a quantidade de pacientes que o procuravam, especialmente da rica burguesia de Viena quando em férias, crescia continuamente.

Com o começo da Primeira Guerra, muitos tinham se refugiado em Innsbruck e as ansiedades geradas pelo clima de guerra e, principalmente, depois da derrota da aliança germânica, tinham aberto novas profundidades da mente humana ao interesse do *Herr Doktor*. Hilda lembrava que, quando já tinha dez anos ou um pouco mais, havia noites onde seu pai se reunia com alguns poucos pacientes e colegas médicos para sessões espíritas. Nestas, seu pai invocava espíritos de pessoas falecidas. Hilda, que tinha sido colocada para dormir junto com seu irmão, nascido dois anos antes

do início da Grande Guerra, esgueirava-se pelo longo corredor e, mesmo sem entender nada, extasiava-se com a voz profunda que seu pai tinha nestas ocasiões. Mas estranhava os soluços e choros das outras pessoas que estavam, também, sentadas à mesa.

Então, chegou o dia onde a felicidade da infância foi embora. Quando bonecas não serviam mais para compartilhar seus segredos de menina. Quando o sorriso da mãe foi substituído por um olhar estranho e ausente. Quando os homens da lei tinham espalhado pela sua casa o espanto, o medo, a dor e as cinzas.

Hilda e seu irmão estavam brincando em seu quarto. De repente, acima dos ruídos normais das atividades diárias da casa, sobrepuseram-se sons incomuns. Batidas vigorosas na porta da frente, vozes graves e ameaçadoras, a porta do gabinete de seu pai se abrindo, seguido da sua voz, mais intensa, e de um longo lamento da sua mãe. Hilda se levantou do chão, correu até a janela do seu quarto no segundo andar da casa. Seu pai seguia pelo caminho que levava até o portão, ladeado por dois homens com sobretudos escuros e chapéus. Ao chegarem perto de uma carruagem preta, estacionada defronte, seu pai ainda parou, olhou para trás para a porta, onde devia estar sua mãe imaginou Hilda pelos soluços que ouvia. Um dos homens colocou a mão em suas costas e fez menção de forçá-lo a andar. Hilda viu seu pai resistir e olhar furioso para o homem que retirou a mão. Então, de repente, seu pai olhou para cima e a viu na janela. Uma profunda tristeza se apossou do seu rosto, Quando os dois homens o tomaram pelos braços e o empurraram para dentro da carruagem, seu pai não esboçou mais nenhuma resistência.

Tinham levado seu pai após a denúncia do marido de uma cliente. A este parecera estranho... mais do que isso, inaceitável... acompanhar a transformação de uma esposa, antes chorosa, a murmurar sempre pelos cantos da casa, em uma mulher tão mais confiante, com opiniões próprias em contraste com a antiga... e mais que devida... aquiescência. Isto não era apenas uma melhora das dores de cabeça das quais reclamava e por causa das quais tinha procurado o doutor. Parecia-lhe, certamente, ter ela sido enlouquecida quando tinha passado a acreditar em aparições do além.

O tear do tempo

Ainda por cima sua mulher tinha se tornado exigente e voluntariosa, o que não era adequado a uma boa *Hausfrau*⁹.

Tudo culpa daquele charlatão disfarçado de médico!

A partir da sua interpretação *prática* dos fatos, tinha resolvido internar a mulher num hospício e, com sua influência, conseguido que levassem o doutor para a prisão. Um ataque cardíaco, dias depois, matou o pai de Hilda na prisão e este segundo choque, maior do que tê-lo visto ser preso, enlouqueceu a sua mãe.

O irmão da mãe de Hilda, Jacob Stern, internou-a no mesmo hospício da cliente do cunhado, adotou a pequena Hilda e seu irmão e, dando-lhes um novo lar, carinho, a convivência com os primos, lhes foi devolvendo a alegria e, aos poucos, desfazendo ausências em seus olhares, embora, por vezes, retornassem aos momentos em que buscavam seus pais em sua memória. Em 1920, quando tinha dezesseis anos, Hilda e seu primo Alfred, seis anos mais velho, se apaixonaram e, diante da irredutível decisão dos dois de se casarem e emigrarem para o Novo Mundo, ao *Herr Stern* não sobrou mais do que lhes dar sua benção, duas passagens para o Brasil e cartas de recomendação para amigos que já moravam naquele país tropical, na sua opinião cheio de índios e cobras.

Alfred e Hilda, quando chegaram, ficaram pouco tempo no Rio de Janeiro e logo foram levados para Nova Friburgo. Tornaram-se caseiros da chácara que os amigos do pai de Hilda tinham lá para produção de compotas, embutidos e outras especialidades que vendiam na sua *Delicatessen* no bairro do Flamengo. O casal jovem se encantou com a pequena cidade e em poucos anos já tinha comprado a sua própria chácara. Era nesta chácara que se localizava o hotel *Blumen* de Alfred e Hilda Stern e onde nasceram David e, dois anos depois, Annelise.

Uma correspondência, cada vez mais rara, dava conta da mudança do tio com sua família e seu irmão para Marburg, uma cativante cidadezinha universitária derramada sobre uma colina, na região

⁹ *dona de casa*

central da Alemanha, assumindo um novo posto de professor universitário; das dificuldades que tinham com seu irmão, cada vez mais possuído de idéias revolucionárias até que, no início dos anos trinta, seu tio lhe escreveu, numa carta tão curta quanto sofrida - “... nada pudemos fazer. Seu irmão desapareceu como já nos tinha dito que o faria um dia. Fui incapaz de cuidar dos filhos da minha irmã...” - e pouco mais recebeu em resposta às suas cartas durante os anos seguintes. Seu irmão estaria quase com dezenove anos quando saiu da casa dos tios.

Anos mais tarde, uma hóspede que se tornara amiga, *Frau Zálotay*, lhe tinha revelado caminhos e mundos invisíveis e que lhe relembraram as crenças e práticas de seu pai. E, com a ajuda da sua amiga, passou a buscar o pai em novas dimensões.

...

-*Muetter!*¹⁰ está na cozinha. - disse David com seu jeito encabulado. - Pediu-me que a levasse para seu quarto - e já voltava pelo caminho, a mala de Charlotte numa das mãos, dirigindo-se para a porta em pinho e retângulos de vidro, suavizados com leves e discretas cortinas brancas.

A sala, aconchegante, com seu acabamento em madeira, parecia pertencer a uma casa particular não existissem muitos conjuntos de sofá e poltronas, cada um com seu estilo e tecido a contar histórias de aquisições que se tinham realizado durante anos. Não havia como deixar de perceber a lareira no centro da parede dos fundos, com sua chaminé coberta por azulejos decorados e um lindo anteparo em ferro e bronze. Antes uma lareira de canto, tinha sofrido algumas alterações quando a sala tinha sido alargada. E as janelas! Aquelas maravilhosas janelas que tinham a vista tão repousante do jardim em frente e do vale abaixo.

Charlotte ficou feliz quando David a conduziu à escada que dava para o antigo sótão. Há menos de dois anos atrás tinha praticamente

¹⁰ *mãezinha, em dialeto austríaco.*

O tear do tempo

inaugurado o primeiro dos quartos com os quais os Stern tinham ampliado o seu pequeno hotel.

David passou em frente ao quarto que Charlotte já tinha ocupado e acabou por abrir a quinta e última das portas. Quando Charlotte entrou sentiu a emoção de se sentir bem-vinda. Percebeu logo que *Frau Stern*, mesmo sem saber porque, tinha sentido que algo não ia bem e que Charlotte precisava de amparo. - *Alles gut, Frau Stern*¹¹ - tinha sido tudo que Charlotte tinha conseguido responder à indagação que ela lhe fizera com um tom de preocupação.

- *Komm gleich, mein Kind*¹² - assim se despedira Frau Stern no telefonema que Charlotte tinha feito de casa, quando fizera a reserva.

Era um quarto maior que os demais, com um sofá-cama para uma terceira pessoa. Mas sua janela, ao contrário das demais, era voltada para o fundo do vale que se estendia além da horta e do pomar. Estes eram separados por uma casinha de dois andares, embaixo para guarda de ferramentas agrícolas e em cima um pequeno estúdio de artesanato. Mais além ficavam os estábulos, chiqueiros e áreas cercadas para patos e galinhas. Uma cortina de renda branca, pendurada numa vareta à meia altura da janela, suavizava a luz externa e contribuía para ampliar o sentimento de proteção. Mas havia mais sinais de boas vindas que *Frau Stern* tinha espalhado pelo quarto.

Dois vasos em barro com flores silvestres acabadas de colher, a colcha que Charlotte tinha ajudado a bordar dois anos atrás e, já percebidos pelos olhos brilhantes de Ian, dois pequenos pacotes de papel manteiga envolvendo os chocolates caseiros com que os Stern recepcionavam os hóspedes mais queridos. Pequenos quadros emoldurando flores secas e gravuras de paisagens tirolesas cobriam os dois lados da parede, feita de troncos, por trás da enorme cama de madeira. Esta combinava com o armário em pinho encerado, pintado no estilo do Tirol. Tapetes laterais à cama, em pele de carneiro, protegiam os pés nas frias manhãs de inverno. No canto, próximo à

¹¹ *Tudo bem, senhora Stern*

¹² *Venha logo, minha criança*

janela, uma mesa e duas cadeiras, também de pinho. Em cima, pousada na toalha xadrez e ao lado de um dos vasos de flores, uma moringa de água, em cerâmica decorada, e dois copos.

Encheu a banheira, despiu Ian e o colocou na água. Depois de tê-lo secado, vestiu-o com uma roupa de flanela para que não sentisse o frio da noite, deixou-o brincando no chão do quarto e foi, por sua vez, tomar seu banho. Só que, desta vez, abrindo o chuveiro de onde a água jorrava forte. Tinha sido aquecida na serpentina de cobre que passava pelo fogão a lenha no qual, a esta hora, já se estava preparando o jantar. A água desprendia as angústias e os medos que se tinham juntado ao suor da viagem. Demorou-se lavando o cabelo preto, o rosto e o corpo de estatura média que, já tendo trinta e três anos, ainda tinha a musculatura rija.

Rija demais! Seca demais! Tábuia demais!

reclamou, como sempre fazia, em pensamento, e aí começou a rir da frase que tinha ouvido a respeito de Greta Garbo: “*O mais bonito dos homens*”.

- *Não, nem tanto* - condescendeu ela, pois tinha curvas que, como sempre notava, atraíam o olhar dos homens embora a deixassem muito encabulada.

...

Charlotte tinha as maçãs do rosto salientes e uns olhos, de um castanho escuro, com um leve traço asiático denunciando sua origem da Europa oriental. Cabelos pretos lisos com os quais se irritava por nunca conseguir lhes dar forma e volume. Nariz estreito e ligeiramente curvo sobre uma boca pequena, de lábios finos, cujos cantos se estendiam facilmente num sorriso. Um queixo em ponta, quando lançado para frente, acentuava o furor nos olhos que se apertavam, até se tornarem dois riscos, diante de injustiça e arrogância. Um pescoço longo sobre ombros suaves e pequenos. Seios pequenos... *pequenos demais!*... que tinham sido motivo de troça de suas colegas louras e abundantes e, para seu desconsolo, de ter sido apontada, muitas vezes como *o melhor amigo de saias* por

O tear do tempo

algum rapaz. Eles até que diziam isto com profunda admiração e o que, para eles, pareceria um elogio. Mas quantas vezes, no início da juventude, teria trocado esta admiração por um olhar de desejo. As nádegas em nada compensavam a pequenez dos seios, mas, pelo menos, encimavam pernas fortes e bem torneadas.

Seu pai, Arnold, tinha vindo da Hungria para a Alemanha com seus pais, quando ainda tinha vinte anos, na véspera do Ano Novo de 1900. Poderia ser um retorno, pois descendiam de judeus emigrados da Prússia no século XVI. Daí o sobrenome alemão. Por isto também, mas principalmente por pertencerem ao império austro-húngaro, falavam alemão além do húngaro e, obviamente, o *íídiche*¹³.

Embora menos que no restante da Europa, ainda assim, os judeus na Hungria sofriam discriminação, embora a perseguição não tivesse alcançado os contornos patéticos e a publicidade dos extremos franceses da entrada do século XX¹⁴, nem a violência que, em países como a Rússia e Polônia, se tornava estatal.

O avô paterno de Charlotte tinha traços que denunciavam a descendência dos mongóis que, liderados por Batu Khan, neto de Gengis Khan, tinham invadido a Europa oriental na primeira metade do século XIII, resultado de alguma ou mais de uma miscigenação em gerações passadas. Ser judeu, nos quase dezessete séculos de diáspora pela Europa, não podia mais ser uma distinção racial. Os *ghetos*¹⁵, assim, tinham se destinado a segregar pessoas por terem credo e costumes diferentes. Diferenças que pareciam se acentuar pelo medo e pelo ódio insuflado nas comunidades cristãs por séculos de doutrinação anti-semita. Tinha se criado, ao longo do tempo, toda uma cultura que fazia crer que colheitas arruinadas, crianças natimortas e outras calamidades só poderiam ser culpa dos judeus que as invocavam em seus ritos. Ritos que ocorriam no *sabbath* e no

¹³ *íídiche* – judeu-alemão, alemão alterado pelo hebraico e, em menor grau, pelo eslavo

¹⁴ referência ao célebre caso do capitão do exército francês, judeu, Dreyfuss que tinha sido inocentado pelos artigos contudentes de Vitor Hugo e inocentado em 1906, à França da sua prisão na Ilha do Diabo na Guiana Francesa.

¹⁵ *guetos* – bairros nos quais os judeus tinham sido isolados.

qual, na fantasia de tantos, invocavam o demônio e prejudicavam os cristãos como tinham feito com o Filho do Deus.

*Progroms*¹⁶ se repetiam, as turbas aos berros, com a bebida e o ódio e o medo a empurrá-las, invadiam os *ghetos* com tochas, facas e forcados nas mãos. Há mais de um milênio pensavam, sentiam e agiam assim as populações cristãs por toda a Europa. possivelmente desde que o papa João IV, no século VIII, formalizara a perseguição e tinha confinado os judeus romanos ao *gheto* próximo ao rio Tibre.

Desde que tinham chegado as notícias dos *progroms* ocorridos na Rússia em 1881, quase como uma consequência às posições tradicionalistas e reacionárias do novo czar, Alexandre III, os *ghetos* tinham ficado mais silenciosos. Mas o avô de Arnold destoava deste estado de ânimo. Sempre tinha andado altivamente entre os *goy*¹⁷ e com seu vozeirão tentava convencer os demais habitantes do *gheto* de que o conceito de irmandade humana deveria se estender a todos credos bem como, também, a todas as raças. Mas tinha sido sempre uma voz quase solitária e por fim, nem os poucos simpatizantes marxistas o apoiavam mais. Tinha se tornado uma voz solitária, pois não renegara Bakunin, depois que este e Marx se desentenderam, em 1871, levando o anarquista a abandonar as idéias marxistas.

Mas o pai de Arnold ultrapassara a sua identificação com a *Weltanschauung*¹⁸ de Marx, concluía que a sua realização só se tornaria possível através da via mais moderada da resistência. Uma resistência que não recorresse às armas e que, fortalecida através da união, acabasse conduzindo ao diálogo. Para auxiliar a divulgação das idéias social-democratas abandonou a tradição de cinzeladores de prata de sua família e montou uma pequena gráfica.

Mas, em contraposição a todos os movimentos libertários havia, continuamente, um forte cheiro de pólvora no ar. Mesmo depois de Guilherme II da Prússia ter demitido o chanceler Bismarck em 1890

¹⁶ *progroms - invasões dos ghetos judeus quando multidões cristãs enfurecidas destruíam, agrediam e, muitas vezes, matavam.*

¹⁷ *goy – gentio, não judeu.*

¹⁸ *Weltanschauung - visão de mundo*

O tear do tempo

e levado muitos a crer que a era de conflitos entre as nações da Europa tinha terminado. Especialmente quando todas estavam partilhando a África e parte da Ásia, quase que de comum acordo. Parecia que os tempos das guerras europeias tinham acabado com o ocaso do “marechal de ferro” e o troar dos canhões tinha se mudado para longe da Europa.

Em 1898 uma intoxicação com as tintas da gráfica impediu a viagem do pai de Arnold para a Rússia, onde iria realizar seu sonho de participar da fundação de um Partido Social-Democrata. Entristecido, despediu-se dos companheiros, vários dos quais, entretanto, não voltariam, vítimas da violenta repressão da polícia czarista. Durante a convalescença, começaram a chegar cartas de parentes e alguns amigos que tinham, há poucos anos, emigrado para Berlim. Tinham lugar para a sua experiência na gráfica em que trabalhavam.

Embora sendo capital da Prússia e lembrando o militarismo de anos atrás, Berlim tinha se tornado cosmopolita e grande o suficiente para que nela convivessem, quase em paz, as mais diversas correntes da cultura e, com algo mais de atrito, do pensamento. Especialmente do pensamento político. Monárquicos, imperialistas colonialistas, nacionalistas, socialistas, republicanos, anarquistas, cada corrente abrigando os mais diversos matizes, indo dos mais fanáticos aos mais tolerantes, alguns até se assemelhando, mas divergindo no essencial, enfim todos credos políticos encontravam espaço e ouvidos em Berlim. Havia esperança por tempos mais dignos, havia ação.

A morte do pai, avô de Arnold, no outono de 1899, foi o empurrão final.

- Chega! Entrarei no próximo século vivendo onde possa pensar, dizer e discutir meus ideais. E, quem sabe, vivê-los.

Quando Arnold desembarcou com os pais na gare de Berlim em 1900, poucos meses antes de novo século, a Interpretação dos Sonhos de Sigmund Freud, publicada no ano anterior em Viena, ainda não tinha se tornada famosa o suficiente para explicar aos seres humanos as suas angústias e a origem de suas atitudes.

...

Charlotte já estava no meio da escada quando ouviu a segunda chamada do sino de bronze com o qual os Stern chamavam os hóspedes para as refeições. Ao entrar na sala foi acolhida por alguns olhares sorridentes de reconhecimento. Já na entrada recebeu o abraço de *Frau Stern* e por cima do seu ombro teve uma visão que lhe aqueceu o coração.

Enquanto *Frau Stern* acariciava o cabelo de Ian e se espantava...

- Lotte, como Ian cresceu!

... Charlotte encaminhou-se para a ocupante da primeira mesa da direita. Uma senhora, já em seus setenta e quatro anos, longos cabelos brancos presos num coque, vestido de algodão estampado, levantou-se da cadeira, estendeu-lhe as mãos, a emoção visível no olhar úmido e voz embargada...

- *Mein Kind!*¹⁹

... e a abraçou ternamente. Charlotte, apesar da sua estatura média, aninhou-se no abraço daquela mulher alta, velha, mas ainda forte.

Depois da morte da mãe de Charlotte, meses antes do nascimento de Ian, *Frau Zátolay* como que a adotara. Era uma mulher notável. Até as marcas do vento e do sol, que lhe escureciam e curtiam a pele, não denunciavam a verdadeira idade. Alta, mais do que o comum nos homens, corpo firme, mãos e pés grandes, o seu rosto chegava a lembrar o de Charlotte não fossem os olhos de um intenso azul que se tornavam excepcionalmente marcantes naquela face escurecida pelo sol. Cabelos brancos, presos por tranças ou juntados num coque, que ela desfazia antes de deitar e protegia com finas redes, quase invisíveis, única prova de alguma vaidade.

Era fácil encontrar *Oma*²⁰ *Zátolay*, como os jovens a chamavam, na praia de Copacabana. Estava sempre no centro de um grupo de

¹⁹ *Minha criança!*

²⁰ *vovózinha, em alemão.*

O tear do tempo

jovens convencendo-os a andar a pé...

ora, não de ônibus ou táxi, é claro!

... até o centro do Rio para assistirem concertos populares no Teatro Municipal. Bem verdade que não conseguia despertar muito entusiasmo com suas propostas.

Mesmo em dias de chuva miúda ou frio era fácil encontrá-la nas manhãs. Debaixo de uma solitária barraca de praia transformada em imenso guarda-chuva, *Oma Zátolay* não abria mão de seus exercícios. Meia hora debaixo da barraca, tricotando ou lendo, seguida de meia hora de natação. E nunca seriam algumas ondas mais afoitas que lhe impediriam o exercício! Uma medalha dos salva-vidas atestava os dois salvamentos que fizera, o segundo aos cinquenta e oito anos de idade.

Desde que tinha chegado no Brasil, vinda da Hungria no início dos anos vinte, *Frau Zátolay* se extasiava com a temperatura subtropical e com a possibilidade de nadar ao ar livre o ano todo, o que os invernos na Hungria a impediam de fazer no lago Balaton, a oeste do rio Danúbio, ao qual sempre ia quando podia escapar de Budapeste, onde morava. Seus dois filhos não partilhavam do seu entusiasmo, embora fizessem o possível, mesmo já adultos, para acompanharem a mãe. Mas sempre tinha sido muito cansativo. Tinham sido, de certa forma, arrastados pela mãe para o Brasil, quando ela, seis anos depois do fim da Primeira Guerra, decidiu que tinha deixado de ser uma esposa a espera do marido desaparecido no campo de batalha e se tornado uma viúva de guerra. Levou mais tempo para convencer as autoridades a lhe fornecerem o atestado de óbito, que lhe permitiria dispor dos bens em nome do marido, do que vendê-los, decidir-se por uma nova pátria, obter um visto e embarcar.

...

Charlotte esperou que *Frau Zátolay* voltasse à sua cadeira e sentou-se à sua esquerda na mesa redonda que se destinava à família Stern - o casal, David e sua irmã Annelise - e sempre mais dois hóspedes entre os que lhes eram mais queridos, num sistema de

rodízio que acabava, na realidade, por não excluir ninguém. Charlotte soube, durante o jantar, que logo após seu telefonema de reserva, *Frau Stern* tinha telefonado para *Frau Zálotay* e partilhara sua apreensão quanto ao estado de espírito de Charlotte. Quando, dias antes de viajar para Nova Friburgo, Charlotte tinha dito à *Frau Zálotay* de que seus dias de descanso na serra seriam melhores se a tivesse por companhia, não desconfiou que o sorriso dela era por já ter feito sua reserva também, mas em segredo,.

Depois do jantar, Charlotte deixou Ian aos cuidados de Annelise e foi se encontrar com *Frau Zálotay* na varanda externa. Esta, com um xale de lã cobrindo os ombros, estava sentada na cadeira de madeira com espaldar bem reto. Claro que não seria ela que se sentaria numa dessas indolentes *chaise-longues* com almofadas macias e finas! Mas Charlotte estendeu-se numa delas, cedendo finalmente ao cansaço do corpo. Lutou contra a sonolência, pois não queria perder uma oportunidade de conversa amiga e aberta enquanto olhavam, ao longe, as luzes dos homens e as luzes do céu. Passou-se mais de uma hora de conversa, a meio tom, entremeada de silêncios que eram os diálogos que cada uma das duas mulheres mantinha com seu espírito e a sua memória. A mais jovem deixando que pousassem em seu espírito as sábias e serenas palavras que a mais velha tinha colhido na sua experiência e temperado na sua compaixão. Só pararam com a interrupção de Ian vindo, bocejando, pela mão de Annelise, chamando a mãe para colocá-lo na cama.

- *Gute Nacht, Oma*²¹ - deu um beijo naquela avó tão querida, subiu as escadas nos braços da mãe e já estava profundamente adormecido, enquanto ela lhe colocava o pijama, tranquila com a companhia que Annelise lhe faria, dormindo no sofá-cama.

Charlotte voltou para a varanda, partilhou, em silêncio e sorrindo, o sentimento materno com aquela mulher em cujo coração encontravam abrigo tantos filhos e netos e voltou a sentar.

- *Mutti*, que espíritos me assombram e que espíritos querem me ajudar?

²¹ *Boa noite, vovó*

O tear do tempo

Frau Zálotay sobressaltou-se. Charlotte tinha entrado numa área de suas crenças com a qual mantinha uma relação por demais respeitosa.

- *Mein Kind*, você sabe que não me importo de colocar as cartas. Fica-se sempre podendo levar a sério, ou não, o que elas dizem. Mas indagar os espíritos traz respostas às quais não se pode virar as costas. E com as quais nem sempre é possível conviver em paz.

Mas Charlotte não quis desistir. Afinal, tinha sido *Frau Zálotay* que tinha diminuído os seus receios em relação aos vultos indistintos que, ocasionalmente, percebia ao seu redor e que a tinham amedrontado nos primeiros tempos, desde que os começara a pressentir meses após o nascimento de Ian. A velha senhora a convencera que eram espíritos que lhe queriam bem, mas que, também, podiam ainda estar assustados numa esfera à qual não tinham se acostumado e que, junto a Charlotte, se sentiam mais seguros.

- Não, não é o Tarot que me trará respostas... pelo menos respostas que me tragam paz ao espírito. Sinto que a inquietude não é só minha. Ela ultrapassa a dimensão do meu ser e não sei se são estes espíritos que estão compartilhando esta inquietude comigo. É mais uma angústia e, embora sinta que ela tem raízes também em mim, pois seu eco também tem a minha voz, essa angústia, *Mutti*, parece vir principalmente de fora de mim, deste ser ou seres que me acompanham.

- Lotte...

O tratamento diferente, sublinhado pela mudança do tom para um tanto mais profundo, indicava que algo ia ser dito com muita seriedade e para o que não admitia questionamentos

- ... falar com os espíritos é algo grave. Não pode ser feito sem que se assuma, antes, que a nossa alma se ampliará, para nosso bem, ou se consumirá, para nosso mal, com o que o que surgir, o que nos for revelado, o que for compartilhado conosco. Não há retorno, embora o bem ou mal que advir daí, seja muito mais algo que dependerá de como ouvirmos e como conviveremos com o que nos

for revelado.

- Sim! Sim! Eu sei. Hoje mais ainda, com o que eu penso ser mais minha compreensão do que simplesmente por acreditar em você. E sinto que, só assim, poderei tirar de cima de mim este manto de angústia no qual a trama do tecido ainda é tão indistinta.

Frau Zálotay levantou as pálpebras, olhou profundamente através dos olhos de Charlotte, suspirou e disse:

- *So sei es, mein Kind*²². Eu lhe direi quando estiver pronta.

...

Os dias seguintes transcorreram suaves. Charlotte não se apressava mais em direção à qualquer revelação ou conhecimento. Sabia que o momento correto chegaria e que *Frau Zálotay* o perceberia.

Em muitas das manhãs, depois do café da manhã com vários tipos de pães caseiros, geléias, queijos e frios, que já tomava sozinha com Ian por ter acordado depois de *Frau Zálotay* e dos outros...

Já deve estar a quilômetros daqui

... dizia Frau Stern, balançando a cabeça, admirada com a disposição da velha senhora... Charlotte ia passear com Ian. Acompanhava-o a pé enquanto ele se equilibrava, imaginando-se o mais valente dos *cowboys*, em cima de um dos cavalos que o pessoal local trazia, todas manhãs, para perto dos hotéis. Tranquilos, lentos cavalos... não os chamassem de pangarés para não se ver a cara carrancuda dos seus donos... incomodavam-se mais com as moscas, que teimavam em fazer pouco caso das espanadas de seus rabos, do que com o quase acariciar das longas varas que os lembravam de continuar andando.

Era um prazer ir acompanhando a *aventura* de Ian, caminhando pela estradinha de terra, ao longo das cercas, a maioria baixa, que delimitavam os terrenos das casas, quase todas de veranistas. Já

²² *Assim seja, minha criança*

O tear do tempo

quase não se viam as estruturas das cercas, cobertas pelas ondas de trepadeiras e arbustos verdes, alguns pontilhados com o alaranjado alegre da lanterna chinesa ou sininho, outros cobertos com o que pareciam pequenos sóis do jasmim amarelo, este mundo de cor alegre e quente suavizado, aqui e ali, por pequenos montes azuis de hortênsias. Das sacadas das janelas derramavam-se gerânios vermelhos. A intervalos, árvores, algumas de porte menor como a esponjinha, com suas flores de centenas de fios vermelhos que lembravam grandes bichos-de-fogo, ou, um pouco maiores, os salgueiros-chorões chegando a tocar e varrer o chão com seus longos e finos ramos. Espalhadas por toda a área, as majestosas araucárias, imensas, abrindo seus braços em cruz e, em maior número ainda, os ciprestes lembrando, nesta época, árvores de natal, presentes, ceias, reunião.

- E paz - pensou Charlotte, sorrindo do seu sincretismo, apropriando-se de crenças e significados que nada tinham a ver com suas origens, mas que a ajudavam a ter forças para o viver.

Como tinham sido suas adoções de São Francisco de Assis e Santa Águeda, assim, também, tinha passado a acreditar na reencarnação, o que, como explicava aos demais, lhe permitia aceitar o que não podia compreender... o sofrimento de tantos... tantos a quem não se podiam atribuir culpas que os fizessem merecer tanto castigo... pelo menos nesta vida.

Quando chegaram ao pequeno lago, Charlotte concordou que Ian desse algumas voltas em torno dele, antes de voltarem para o hotel, e sentou-se num dos bancos que ficavam à sombra das árvores que lançavam suas raízes para dentro da água.

Apesar da temperatura agradável que a combinação de sol, sombra e uma brisa leve proporcionavam-lhe, sentiu um súbito calafrio. Olhou rapidamente para o lado, pareceu-lhe ter alguém sentado na outra ponta do banco. Ninguém. Voltava a ter a sensação de que alguém a acompanhava. Cada vez mais intensa, ela vinha se repetindo nos últimos anos. Pressentia, mais do que via, sua identidade. Como sempre, fechava os olhos e ouvia o timbre da sua

voz, mas não entendia suas palavras. Não chegava a se sentir amedrontada. Sentia-se como que embalada com esta quase presença que suspeitava ser de Klaus. Seu remorso em relação a ele parecia, nestes momentos, não fazer mais sentido, entretanto não conseguia se libertar dele. Desde aqueles últimos e trágicos dias em que o vira pela última vez.

O pensamento lhe trouxe de volta a dolorosa lembrança do primeiro daqueles dias. Quando a louca e insana corrida para a aniquilação, para o fim dos tempos, parecia se ter acelerado, embora a maioria das pessoas não se apercebesse disto. Como sempre, no primeiro instante, tentou escapar, fugir destas recordações... mas não!... tinha que aprender a conviver com elas. Era um passado que se mantinha presente com o sentimento de culpa que carregava. E o tormento e a angústia daquele dia em Berlim, no final do outono de 38, se apossaram do seu coração.

...

- *Mutti, Mutti* - a voz alegre de Ian, ao longe, a fez abrir os olhos. Através das lágrimas conseguiu vê-lo terminando a curva mais afastada do lago e se aproximar de onde ela estava. Aos poucos as lembranças dolorosas começaram a se desvanecer com as cores, os sons e a brisa fresca que a envolviam. Pousou um olhar enternecido em Ian, todo feliz em cima do cavalo.

Tinha que viver o presente. O passado parecia insolúvel e toda a sua carga de emoções só se abrandava na perspectiva do tempo futuro. Mas Charlotte estava confusa com os acontecimentos. Não sabia como interpretar o que estava acontecendo. Não tinha chegado à qualquer conclusão sobre o que os fatos presentes estavam tecendo para futuro. Era outra cultura. Ela a amava, mas não a entendia. Era outra a escala de valores daquele povo. Eram outras as suas premências. Eram outras as suas relações.

Como o que estava acontecendo no Brasil a afetariam e, principalmente, a que futuro se encaminhava o país do seu filho? Ele tinha nascido no país que lhe dera a crença no renascer. Era um povo

O tear do tempo

que sabia rir... e rir de si mesmo. Tão parecido nisto com o espírito berlinense! Tão diferente da maioria dos alemães do norte! O tempo se desdobrava e se media de forma diferente próximo ao Trópico de Capricórnio.

Não que este povo passasse alegremente ao largo dos temas sérios da vida. Intelectuais, jornalistas, estudantes, políticos e o povo nas ruas tinham demonstrado isto, tão logo a mordida da ditadura tinha relaxado seu aperto. Os acontecimentos tinham sido tão encorajadores, sucedendo-se tão vertiginosamente no ano de 45, que Charlotte voltou a sentir a vontade de participação que pensava ter abandonado para um *nunca mais*. Mas não passou de vontade, pois a sua condição de estrangeira e o medo de colocar seu filho em perigo eram suficientes para mantê-la afastada. Mas, pelos jornais e pelos amigos brasileiros mais atuantes, acompanhou cada movimento.

Getúlio Vargas deparara-se com seu paradoxo. Líder de uma ditadura fascista, como tantas outras da América Latina naquela época, mas aliado, mesmo que por interesse, pressão e posição geográfica, dos países que combatiam o Eixo, não lhe tinha restado outro caminho senão o de apaziguar a pressão interna prometendo eleições. Mas Getúlio era astuto. Afirmou que não se candidataria, mas esvaziou a candidatura oposicionista de Eduardo Gomes lançando outro militar, Eurico Dutra, seu ministro da Guerra, e retirou-se, pouco tempo depois e eleito senador, para a sua fazenda no Rio Grande do Sul.

Foi uma vitória com sabor amargo para os democratas. O poder não mudou, realmente, de mãos. E era visível um movimento que pretendia impedir a oposição de aproximar-se do poder. Principalmente a representada pelos comunistas e seu líder Luís Carlos Prestes, recém solto da prisão. Responsáveis pela tentativa de golpe comunista de uma década atrás, apelidada de Intentona, eram odiados pelas altas patentes militares como temidos por uma grande parcela do povo. Um processo de cassação dos seus direitos políticos acabou, novamente, tornando ilegal o Partido Comunista Brasileiro, em maio de 47, e encerrou-se com a cassação dos mandatos políticos de seus filiados em janeiro do ano seguinte.

O retrocesso assustou Charlotte e ela temeu uma reedição dos acontecimentos que tinham seguido ao incêndio do Reichstag, o parlamento alemão, na Alemanha em 37. O cheiro de ditadura voltou a impregnar o ar. Contudo, nada de mais grave aconteceu. Aos poucos, compreendeu que, apesar de ter sido um movimento de perpetuação no poder e de enfraquecimento da oposição, transcorrera, como sempre pareceu acontecer no Brasil, sem a brutalidade comum a estes movimentos políticos na Europa.

Como dizia, com fina ironia, seu amigo M. Relvas, um português com negócios nos dois lados do Atlântico:

- Não há dúvida que Deus é brasileiro, embora nem todos brasileiros me parecem brasileiros.

...

Charlotte levantou-se do banco, acariciou Ian e convenceu-o de que já era hora de voltarem. Amanhã ele poderia continuar suas aventuras de *cowboy*. Começaram um lento regresso, pois a volta ao hotel obrigava a uma subida, embora não muito íngreme.

Já estavam quase chegando ao portão do hotel, quando *Frau Zátolay* a alcançou, nada no seu rosto ou na sua respiração denotando de que estava acabando sua caminhada diária de uma hora, como sempre a passo rápido. Mas, logo foram alcançados, por um casal e a irmã da mulher que mais do que mostravam, com seu suor e arfar, que ninguém podia se arriscar, impunemente, a acompanhar aquela velha húngara. Charlotte sorriu-lhes. Eram conhecidos de uma ou duas estadias anteriores e sempre bons companheiros de conversa e de jogos de baralho.

Charlotte colocou seu braço no braço de *Frau Zátolay*. Esta o apertou num gesto de proteção e a olhou ternamente e algo preocupada por notar os olhos ainda inchados e vermelhos.

- *Und nun, mein Kind?*²³. Ainda decidida? - Charlotte a olhou ternamente e, ainda não liberta das recentes e dolorosas lembranças,

²³ E então, minha criança?

O tear do tempo

só assentiu com um leve inclinar de cabeça.

- Então, que assim seja. Será hoje à noite.

Frau Zálotay virou a cabeça, rapidamente, em direção dos outros três que caminhavam ao seu lado, voltou o olhar para Charlotte e perguntou...

Você gosta deles?

... inclinando a cabeça para os outros. Charlotte assentiu.

- Sente-se confiante em partilhar a sua busca com eles?

Charlotte assentiu mais uma vez.

- Então já temos companhia para o número ideal. Cinco. Formaremos uma estrela de cinco pontas. - e a velha senhora dirigiu seu olhar para os demais e disse:

- Hoje à noite, então?! - e os três concordaram.

...

Frau Stern tinha oferecido o pequeno estúdio que ficava entre a horta e o pomar. Lamentava não poder participar. Tinha que preparar algo na cozinha.

Era para este estúdio, ao lado da horta e do pomar, que *Frau Zálotay*, Charlotte, o casal amigo e a irmã da mulher se dirigiram um pouco depois das dez da noite. Não acenderam as lanternas tão iluminada estava a noite com o quarto crescente da lua. *Frau Stern* ainda fizera um carinho no cabelo de Charlotte, animando-a.

As cinco pessoas subiram a escada do lado de fora da construção toda em madeira, *Frau Zálotay* girou a velha e grande chave de ferro na fechadura e, com o rangido típico de grandes e toscas dobradiças, a porta se abriu. Charlotte, com a luz da lanterna, procurou o candeeiro de querosene que encontrou, como *Frau Stern* lhe dissera, pendurado na parede ao lado da porta. Acendeu-o e foi à procura do outro que ficava na parede oposta à porta. Este estava pendurado entre duas janelas que, Charlotte notou, tinham pesadas cortinas a cobri-las. Enquanto a luz tomava conta do ambiente, ia-se

percebendo que o canto esquerdo mais próximo às janelas tinha adquirido estranhos móveis para um estúdio, especialmente de artesanato.

O resto do ambiente tinha algumas pequenas bancas de trabalho, um banco longo, as mais diversas ferramentas penduradas pelas paredes e prateleiras. Muitas prateleiras ao longo das paredes, onde se encontravam pequenas peças decorativas, velas de todas as cores e formatos e caixas e caixinhas, vazias ou já contendo as peças de artesanato. Mas aquele canto destoava do resto. Destinava-se a outra finalidade. *Frau Zálotay* percebeu a curiosidade de Charlotte.

- *Ja*. Como você sabe, eu tenho vindo mais vezes para cá nos últimos anos. Hilda e eu temos um interesse comum. - e mais não disse, embora Charlotte suspeitasse do que *Frau Stern* procurava.

Era sempre com uma mansa e resignada tristeza que ela falava de sua família original. Até que, na última vez que Charlotte tinha vindo ao hotel, ela se referiu ao pai como se ele estivesse presente. Já falava dele sem aquele vinco de tristeza. Mas a dor da perda ainda lhe passava pelo olhar quando, raramente, se referia ao irmão de quem não mais ouvira falar.

Frau Zálotay examinou, com atenção, os objetos em cima do pano azul escuro que cobria a mesa redonda. Havia um copo de cristal, pequeno e discretamente lapidado, que parecia destinado a servir licor. Um baralho de pequenas cartas chamava mais atenção por parecer ter pouco mais de vinte delas. Só se viam as costas das cartas que pareciam conter, todas, o mesmo desenho que lembrava os arabescos das paredes dos palácios mouros da Andaluzia. *Frau Zálotay* terminou de conferi-las, colocou-as, junto com o copo, sobre uma das três cadeiras estofadas que, juntamente com as duas poltronas de igual formato e estofa, estavam dispostas em torno da mesa. Puxou a toalha, dobrou-a cuidadosamente e a colocou na prateleira mais próxima. Todos se admiraram com o intenso reflexo da luz do lampião no tampo muito liso e encerado da mesa.

A velha senhora voltou a colocar o copo e o baralho sobre a mesa, indicou uma das poltronas para Charlotte, as cadeiras para os demais,

O tear do tempo

dirigiu-se até o lampião junto à porta, reduziu bastante a sua chama e repetiu o mesmo com o lampião mais próximo à mesa. Então sentou-se na outra poltrona. Sentia-se a tensão no ambiente. Todos estavam sentados na ponta dos assentos sem se apoiarem nas costas. Ela os olhou carinhosamente, pegou a mão esquerda de Charlotte, que estava à sua direita, a da esposa do casal à sua esquerda, sem as largar colocou-as sobre a mesa e com o olhar incentivou que todos se dessem as mãos. Um sentimento de comunhão, de segurança começou, lentamente, a aquecer o espírito de cada um.

- Minhas crianças - e a voz da velha senhora os envolvia suavemente - muitos são os meios usados na busca de comunhão, esclarecimento e orientação transcendentais. Todas as crenças, antigas ou atuais, personificadas ou não numa religião, os tiveram e os têm. Mas, como eu sempre digo, são meios e não são a essência do que se busca. Não se pode confundir o que se busca com o meio utilizado para esta mesma busca. Eu mesma, que me sirvo de alguns destes meios, acabo por ser mais um meio e, como tal, não me devem dar importância. O que importa é a mensagem e não o meio através da qual ela chega a nós. Da mesma forma que importa o significado e a intenção de qualquer liturgia e não os paramentos, as palavras, os acessórios.

Sentindo-os mais relaxados, indicou-lhes que soltassem as mãos e se reclinassem. Colocou o copo, virado para baixo, no centro da mesa, pegou as cartas e, enquanto as dispunha, já viradas para cima, em torno do copo, continuou:

- Estamos aqui para ajudar Charlotte na sua busca por uma explicação quanto à ansiedade que diz compartilhar com alguém que a acompanha, mas não vê. Seremos as luzes que iluminarão seu caminho e que lhe mostrarão o retorno.

Todos estavam com o olhar fixo nas pequenas cartas dispostas em círculo e viram tratar-se de uma sequência das letras do alfabeto contendo k, w e y. Antes da primeira e depois da última letra do alfabeto havia duas cartas, uma com *Sim* escrito em alemão - *Ja* - e a outra com *Nein*. Separando estas duas havia mais dez cartas, estas

numeradas de zero a nove.

- Nós temos que prover os meios da comunicação. E existem muitas formas semelhantes a esta que vamos usar. Uma das mais interessantes é uma tábua retangular curta, algo larga e curva em seus bordos mais longos. Na superfície muito lisa estão gravadas letras e números como os que temos aqui. Um pequeno triângulo, com os lados algo arredondados e montado sobre uma base menor e bastante lisa, é usado para indicar letras ou números da comunicação que está se recebendo.

Charlotte e a irmã da esposa do casal assentiram, indicando já terem pelo menos ouvido falar a respeito. Mas, percebendo o olhar indagador do casal, *Frau Zálotay* continuou, mais pausadamente, como se fosse só para eles.

- Como o triângulo da tábua, aqui esperamos que o copo nos indique a formação da mensagem. E ele faz isso se mexendo. Mas não sozinho, ele faz isto com nossa ajuda. Não empurrando, pelo menos conscientemente, mas pousando as pontas dos dedos sobre ele e deixando que lhe passemos nossa energia. Mas que seu movimento seja ditado por algo ou alguém além de nós e que nossos dedos apenas acompanhem. *Alguém* usa a nossa capacidade de telecinese, ampliada pela intenção e pelo ambiente enquanto a condução não nos pertence.

Completo com um sorriso.

- É claro que só quem participa pode aceitar que algo mais... *alguém...* esteve presente a uma sessão como esta que vamos ter. Mesmo para estes, muitas vezes só há dúvidas e as certezas podem se esvaír com o tempo.

Estendeu a mão direita por cima da mesa e, suavemente, encostou a ponta do dedo médio na borda inferior do copo, que estava voltada para cima. Virou-se para Charlotte e disse:

- Encoste a ponta do dedo médio da sua mão esquerda. Seu coração pergunta, eu a oriento.

E voltando-se para os demais.

O tear do tempo

- Dêem-se as mãos, por cima da mesa, formando o restante do círculo e passando-nos a sua força, segurando num extremo a mão livre de Charlotte e ao outro a minha. Olhem sempre para o copo, não deixem de olhar o copo.

- Lotte, embora eu venha a orientá-la ou até venha a formular alguma pergunta sua, mesmo que seja com as minhas palavras, cabe a você conduzir a comunicação. Você, se quiser, pode perguntar apenas com sua mente e use o idioma com o qual melhor expressa suas emoções. Mas não solte a sua mão, quebrando o círculo. Pode fechar os olhos, mas não deixe de olhar para o copo quando sentir ele se movendo. Mas o mais importante é você ver e ouvir, não só com a sua memória, mas com a sua emoção, mesmo que seja doloroso, os acontecimentos e as pessoas que a inquietam. Está bem?

Charlotte, o olhar fixo no copo, assentiu.

- Pode começar, minha querida.

...

Inicialmente nada veio à mente de Charlotte. Ou melhor, nada veio distintamente, individualizado. Havia um caleidoscópio de imagens, rostos, sons, mas todos indistintos, sem relação compreensível entre si. Charlotte, na sua ansiedade, se esforçava em focalizar e já começava a duvidar que conseguiria algo quando ouviu a voz a seu lado.

- Não se esforce. Não lute contra a corrente. Ela encontrará seu curso por si mesma - Charlotte acalmou-se e, como se sentasse na margem de um rio, deixou a torrente caudalosa atravessar sua mente, seu espírito, sua emoção. Aos poucos já não ouvia os sons ao redor nem sentia se ainda estava de mãos dadas com a pessoa a seu lado.

Sentiu um leve tremor na ponta dos dedos da mão esquerda. Pensou que era a sua tensão... mas não!... abriu os olhos e notou um leve tremor no copo. A sua mão estava firme e a mão de *Frau Zálotay* também. Arriscou olhar para os que estavam à sua frente e o olhar deles lhe assegurou que também tinham visto o mesmo. Voltou

a fechar os olhos.

A corrente continuava a fluir, mas algo ou uma face se tornava mais distinta. As lembranças da manhã começaram a voltar, sentiu que soluçava baixinho como se estivesse no colo de...

Abriu os olhos e não acreditou no que via. Sem que tivesse sentido o movimento, o copo estava junto à letra K. A mão de *Frau Zálotay* mantinha-se descontraída com seu dedo pousado, suavemente, no copo. A mão dela parecia ter sido arrastada sobre a mesa, como a sua, pelo copo. E antes que deixasse de se assombrar, o copo reiniciava um curto trajeto, desta vez para a letra contígua seguinte.

Voltou a fechar os olhos, na sua mente formou-se a imagem de Klaus e ela foi invadida por uma súbita falta de ar, de um martelar nas têmporas, de uma opressão no peito. Quis que o copo parasse. Quis fugir. Não conseguia se controlar. Pressentira antes que era dele o vulto que lhe aparecia, mas não tinha imaginado que seria tão doloroso. Era como se Klaus estivesse a seu lado... não, não... estava dentro dela! Fazendo-a sentir naquele instante, todas juntas, imensas, as emoções do passado.

Voltou a abrir os olhos. Depois do L o copo quase atravessou o pequeno círculo formado pelas cartas, parou um instante no A para, a seguir, passar em frente às cartas com números e parar em frente ao U. Antes que continuasse sua viagem pela mesa, a dor que a consumia se transferiu, como calor, para a ponta de seus dedos.

-*Mein Gott* - saiu quase com um gemido a clamar por um deus tão distante, tão inacessível.

Mas, lá estava o copo a apontar para a penúltima letra do nome do fantasma desta sua culpa. Puxou a mão bruscamente, soltou a outra mão, apoiou-se nos braços da poltrona e começou a se levantar.

Antes que terminasse de se levantar sentiu aquela mão, sempre fresca, sempre carinhosa, sobre a sua. O peso, a dor, diminuíam, agora, com o que aquele contato lhe passava. *Mitleid* - compaixão - e conforto.

O tear do tempo

- *Nein!* - tinha que continuar, não tinha como fugir e só sobreviveria ou, até, renasceria se não se escondesse, se passasse a encarar seus fantasmas. Ouviu uma voz lhe perguntando se queria parar. Balançou a cabeça, aliviou a força que suas mãos faziam nos braços da poltrona, deixou-se cair lentamente e, já encostada, sentiu o ar entrando de novo nos pulmões. Olhou, triste e ternamente, para aquele rosto sereno e compassivo e conseguiu dizer - *Nein*, eu tenho que ir até o fim. Eu tenho que saber. *Gott sei mit mir*.

O olhar e a voz de *Frau Zálotay* tinham também acalmado os demais. - Voltem a dar-se as mãos. Vamos continuar.

Charlotte estendeu a mão esquerda para o copo, que *Frau Zálotay* tinha colocado novamente no centro do círculo de cartas, deu a mão à sua companheira à direita e fechou os olhos. Mais serena, não se concentrou em nada e esperou que a torrente de sons e imagens voltasse a fluir em seu espírito. A face de Klaus voltava a se formar e ela lhe dirigiu uma muda pergunta.

- *Warum?*²⁴

Imediatamente sentiu o copo vibrar. Abriu os olhos e o viu se dirigindo, sob seus dedos e os da velha senhora, para a letra U. Pensou que ele estava retomando de onde parara, quando estava acabando por soletrar o seu nome. Mas logo, a sequência das letras indicou-lhe uma palavra que lhe trouxe arrepios.

- *Unbegraben*²⁵.

- *Du?*²⁶ *Unbegraben?* - Pelo canto do olho notou o olhar de espanto que os demais lhe dirigiram. Percebeu, então, que tinha falado a pergunta em voz alta. Voltou a olhar para o copo. Este já se aproximava da carta com a afirmativa *Ja*.

Mein Gott! O que aconteceu a você, Klaus? Isto não é o que eu pensei todos estes anos... é mais do que temi.

²⁴ *Por quê?*

²⁵ *Insepulto*

²⁶ *Tu? – na Europa só se trata a pessoa muito íntima por Tu. Normalmente se usa a 3ª pessoa – Sie – com mais formalidade – O senhor... A senhora – substitutos da arcaica forma, mais respeitosa, de Você: Vossa mercê.*

Charlotte lembrou-se da partida dele, no dia da morte de seus primos.

Somente os terríveis acontecimentos de nove e dez de novembro, a sua partida apressada da Alemanha e a nova vida no Brasil deixaram Klaus e seus sentimentos em relação a ele guardados no fundo do seu espírito.

Oh, Klaus, seu sofrimento nunca terminou!

e voltou a sentir-se culpada. Sentia um início de desespero. Não tinha conseguido fazer algo pelos que lhe estavam mais próximos. Tudo o que sentia em relação a Klaus, a impotência, a saudade, a culpa, seriam ampliadas agora que menos ou nada poderia fazer... a carga se tornaria mais pesada. Mas seu temor não se confirmou. Estranhamente, um sentimento enorme de alívio a inundou como se estivesse sendo confortada.

Tão rápido como se sentira coberta por esta onda de culpa e dor, tão depressa sentiu tudo se desfazer em luz. Neste instante, como se o ouvisse, teve a certeza de que Klaus não estava se comunicando com ela porque ele estivesse sofrendo. Não. Parecia, de repente, só restar a dor da saudade, mas envolta em um sentimento de lembrança muito terna. Ele não estava sofrendo. Ele não queria que ela sofresse por remorsos. O mundo andara e os empurrara na direção de seus destinos, das suas tragédias individuais. Por mais que tentassem, não teriam resistido e evitado o que lhes acontecera. Tudo isto não chegava ao coração e ao espírito de Charlotte por palavras. Era uma sucessão de sensações libertadoras que a faziam emergir de um longo mergulho para a claridade libertadora. Era tão forte que Charlotte só se lembrava de uma palavra para explicar o que estava acontecendo, para o que estava sentindo. Redenção.

Mas por que ele se tornara tão presente nos últimos meses? Por que Klaus se tornara a sua sombra? O que ele queria dela?

O que eu posso fazer, Klaus? O que você quer de mim?

... as palavras soavam altas em sua mente. Enquanto esta mistura de sentimentos e pensamentos lhe cruzava o espírito, via uma nova palavra se formar no deslizar lento do copo.

O tear do tempo

*Schwester*²⁷.

Deine? - e copo deslizou para o *Ja*.

Aber wo ist Sie?

Hier. - respondeu-lhe Klaus através dos movimentos do copo.

*Hier in Brasilien, meinst Du? Oder...*²⁸

No olhar de Charlotte começara a transparecer o espanto com a verdade que estava a se formar na sua mente.

- Mas é possível?

Olhou para *Frau Zálotay*. Encontrou seus olhos, serenos e meigos, que lhe disseram para voltar a olhar para a mesa, onde estava se formando a espantosa verdade.

- *Hier*. - e como se um raio de luz tivesse atingido a sua mente, Charlotte viu as letras gravadas na lombada de couro de um livro que estava na biblioteca particular dos Stern. *Frau Stern* o acariciara, enquanto mostrava os livros para Charlotte.

- Este foi meu pai que escreveu e é só o que tenho dele. O resto ficou com meu irmão.

Abaixo do título - *Traum und Leben*²⁹ - lia-se o nome de Konrad Mølner. Na hora, de tão ansiosa, pela realidade da qual tinha se afastado e do quase irrealismo na qual estava mergulhada, não tinha percebido o óbvio! O que seu olhar percebera, escorregara para uma gaveta de sua mente, despercebidamente. E agora, a gaveta da memória se abria repentinamente. Seu conteúdo se revelava à consciência.

O sobrenome de solteira de *Frau Stern*... sempre fora *Frau Stern*... o sobrenome tinha sido Mølner... Hilda Mølner... *Mein Gott!*... o mesmo sobrenome de Klaus!

...

²⁷ *irmã*

²⁸ *Irmã. - Tua? - Mas onde ela está? - Aqui. - Aqui no Brasil, quer você dizer? Ou...*

²⁹ *Sonho e Vida*